

RESENHA

*Filipe Costa Fontes**

HAYKIN, M. A. G.; ROBINSON, C. J. **O legado missional de Calvino.** São Paulo: Cultura Cristã, 2017. 141p.

Uma das maiores críticas sofridas pelo calvinismo é a de que ele seria uma postura teológica que desestimula a evangelização e as missões. O argumento é que a doutrina da soberania de Deus, com suas implicações soteriológicas – as doutrinas da eleição incondicional e da expiação limitada –, seria um impedimento ao engajamento da igreja com sua tarefa missionária. *O Legado Missional de Calvino* lida com essa crítica. Seu objetivo é “enterrar finalmente a acusação de que ser calvinista significa deixar de ser missional” (p. 15), mostrando que Calvino foi um defensor das missões, tanto em seus escritos quanto em sua prática ministerial.

A introdução apresenta a crítica que mencionamos no parágrafo anterior, mostrando alguns exemplos da mesma na literatura teológica. Embora a divisão não esteja marcada, o livro pode ser dividido em duas partes, ambas compostas por três capítulos. A primeira trabalha com Calvino e seu pensamento, e a segunda, com o pensamento de calvinistas posteriores.

Na primeira parte, o capítulo 1 (*Deus amou ao mundo*) examina o trabalho de Calvino como exegeta, teólogo e pregador. Ele traz citações das *Institutas* e, principalmente, de alguns de seus comentários e sermões. É dada certa ênfase à interpretação que Calvino faz dos “textos universais” da Escritura – aqueles que falam da salvação em referência a “todos” – e à maneira como o reformador genebrino trata o chamado universal do evangelho à luz da doutrina da predestinação.

* Mestre em Teologia Filosófica pelo CPAJ e em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção; graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; professor assistente de Teologia Filosófica no CPAJ.

Dentre os “textos universais” escolhidos e trabalhados está João 3.6, talvez “o versículo predominantemente usado contra Calvino e o calvinismo” (p. 37), além de Ezequiel 18.23; Mateus 11.28-30; 1 Timóteo 2.4; 2 Pedro 3.9 e outros mais. Ao tratar da relação entre o chamado universal do evangelho e a doutrina da predestinação, os autores apresentam uma longa apreciação da natureza bidimensional da vontade de Deus, que, segundo eles, “nos ajuda a compreender a interdependência bíblica entre a chamada geral do evangelho e a predestinação, como Calvino expôs” (p. 45). Implicitamente, somos expostos, nesta apreciação, à epistemologia de Calvino, que insistia na insuficiência da razão humana como critério definitivo de verdade e assumia com alguma naturalidade a dimensão do mistério.

O segundo capítulo trata de um tema recorrente nos sermões e escritos de Calvino: o do progresso vitorioso do reino de Cristo. Argumenta que, embora Calvino defendesse que a expansão do reino de Cristo é uma obra de Deus, ele ensinou que os crentes não devem ser indiferentes em seus esforços para alcançar os perdidos. Em uma das citações utilizadas por Haykin e Robinson para comprovar esse ponto, afirma o reformador de Genebra em seu comentário de Isaías:

[Isaias] demonstra que é nosso dever proclamar a bondade de Deus a todas as nações. Enquanto exortamos e encorajamos a outros, não podemos, nós mesmos, acomodar-nos na indolência; antes, cabe-nos ser exemplares perante os homens, pois nada pode ser mais absurdo do que ver homens preguiçosos e indolentes instigando outros homens a glorificar a Deus (p. 59).

Depois de estabelecer esse ponto, o capítulo expõe o pensamento de Calvino a respeito dos meios através dos quais a igreja deve alcançar os perdidos. Eles são, basicamente dois: *a oração e a pregação*. Essa ordem de apresentação – a oração primeiro e a pregação depois – mostra a natureza teocêntrica da teologia calvinista. Até mesmo quando descreve a ação humana na tarefa missionária, é aquela que mais revela a dependência de Deus que recebe primazia.

Por fim, o segundo capítulo apresenta o pensamento de Calvino sobre as motivações da igreja na tarefa de expansão do reino de Cristo. Também são duas as motivações e sua apresentação também evidencia como Calvino procurou ser teocêntrico em sua elaboração teológica. Elas são: *o anseio pela glória de Deus*, que deve preceder *a compaixão pela condição dos perdidos*. Uma bela oração litúrgica preparada por Calvino encerra o capítulo, evidenciando que o reformador nutria a compaixão que ele exigia da igreja como motivação missionária.

Rogamos-te agora, ó gracioso Deus e Pai misericordioso, por todas as pessoas, em todo lugar. Como é tua vontade ser reconhecido como Salvador de todo o

mundo, mediante a redenção lavrada por teu Filho Jesus Cristo, permita que aqueles que ainda se encontram alheios ao conhecimento de Cristo, na escuridão, e cativos ao erro e à ignorância, possam ser conduzidos, pela iluminação de teu Santo Espírito e da pregação do evangelho, para o justo caminho da salvação, que é conhecer a ti, o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo, a quem enviaste.¹

O terceiro capítulo é mais histórico. Ele procura mostrar que o engajamento missionário não foi apenas adereço discursivo do reformador de Genebra, mas uma de suas atividades ministeriais. Apresenta duas iniciativas missionárias da Genebra calvinista. A primeira delas foi dirigida à terra natal de Calvino – a França –, para onde missionários foram enviados por Genebra a partir de 1555. Dados levantados pelos autores mostram o sucesso dessa iniciativa missionária. Segundo eles, “entre 1555 e 1562, estima-se que uma centena de pastores, aproximadamente, deixou seu porto seguro, Genebra, para viajar clandestinamente para toda sorte de destinos dentro do reino francês” (p. 73). Quando os missionários começaram a ser enviados, havia não mais do que 5 igrejas reformadas na França. Por volta de 1559, quatro anos depois desse envio, havia 59 igrejas. A segunda iniciativa missionária foi à nossa terra natal – o Brasil –, para onde Genebra enviou dois pastores, na companhia de outros calvinistas, no ano de 1557. Segundo Haykin e Robinson, a missão ao Brasil deve “deitar por terra a crítica de que os reformadores, em geral, e Calvino, em particular, não possuíam interesse em ver o evangelho semeado por todo o globo” (p. 76-77).

Como dissemos de início, a segunda parte discute a relação de calvinistas posteriores com a atividade missionária. No capítulo quarto, os personagens principais são os puritanos. O capítulo começa mostrando que, assim como Calvino, frequentemente os puritanos também são vistos como antimissionários. Haykin e Robinson localizam a origem dessa visão nas pesquisas e textos de David Bebbington, um historiador da religião que sugeriu a ausência de missões transculturais entre os puritanos, relacionando-a a um “entendimento particular da doutrina da segurança do crente” (p. 83). Para ele “a piedade introspectiva nutrida por essa visão de segurança e a energia que despendiam buscando saber se um ou outro pertencia ao conjunto de eleitos dificultaram seriamente as campanhas missionárias dos puritanos” (p. 83). Em seguida, o capítulo procura contrariar essa visão, embora o faça com menor ênfase do que faz nos capítulos anteriores quando trata de Calvino. Por parte dos autores parece haver certo reconhecimento de que, embora o puritanismo não tenha sido contrário às missões, ele foi, de fato, menos missionário do que o evangelicalismo. Nas palavras do próprio livro: “Na era puritana, certamente, não houve

¹ MCKEE, Elsie. Calvin and Praying for “All People Who Dwell on Earth”. Apud HAYKIN e ROBINSON, *O legado missional de Calvino*, p. 69.

ninguém com um ministério itinerante comparado ao de George Whitefield, mas isso não significa que aos puritanos faltasse um senso de missão” (p. 87).

O personagem do capítulo 5 é Jonathan Edwards (1703-1758). Em resumo, o esforço desse capítulo é mostrar como o fervor missionário de Edwards pode ser percebido em sua concepção do progresso do reino de Cristo. Os escritos de Edwards trabalhados neste capítulo são as cartas enviadas a George Whitefield; a biografia de David Brainerd, um missionário que trabalhou entre os índios nativos em Nova York e morreu ainda jovem na casa de Edwards, e um tratado de 1748, escrito para estimular a busca pelo avivamento, cujo título é: *Uma humilde tentativa de promover a explícita e visível união do povo de Deus em oração extraordinária pelo reavivamento da religião, e o avanço do reino de Cristo na terra, segundo as promessas e profecias das Escrituras referentes aos últimos tempos*. Haykin e Robinson afirmam que esse tratado teria contribuído “enormemente para acender a chama do profundo reavivamento entre os batistas calvinistas da Grã-Bretanha, e dar início ao movimento missionário atual, bem como ao segundo grande avivamento” (p. 107). Dentre os homens impactados por esse tratado estão William Carey e Samuel Pearce, este último, personagem do capítulo seguinte.

A nota de lamento desse capítulo fica por conta do fato de que ele faz apenas uma breve menção ao pós-milenismo de Jonathan Edwards (p. 103, 104), mas não oferece uma avaliação mais aprofundada sobre como essa visão escatológica pode ter influenciado a sua visão missionária.

O último capítulo tem Samuel Pearce (1766-1799) como personagem principal. O destaque a esse personagem é justificado por seu ímpeto missionário e sua relação com William Carey (1761-1834), geralmente considerado o pai das missões modernas. O capítulo se inicia mostrando que Pearce demonstrou desde o começo de seu ministério o amor pelos perdidos e o desejo de comunicar-lhes o evangelho. Um curioso acontecimento mencionado no livro como evidência teve lugar em Northampton, quando ele foi pregar na inauguração de um templo batista. Depois do culto, quando Pearce já estava à mesa para comer com um grupo de amigos, um deles – Andrew Fuller – elogiou o sermão pregado por ele, mas o criticou por ter promovido, ao final, uma espécie de repetição do sermão. A isso, Pearce teria respondido da seguinte maneira:

Bem, meu irmão, revelarei o meu segredo, se assim devo fazê-lo. No preciso momento em que eu estava prestes a voltar ao meu assento, pensando ter finalizado o sermão, abriu-se a porta, e vi entrar um pobre homem, um operário. A julgar pelo suor na sua testa e pela aparência de cansaço, presumi que ele havia andado algumas milhas para comparecer a esse sermão matinal, mas fora incapaz de chegar a tempo. Um pensamento momentâneo cruzou minha mente – esse pode ser um homem que nunca ouviu o evangelho, ou pode até ser alguém que, no evangelho, se deleite enormemente. Em todo caso, o esforço de sua parte me

constrange a um esforço de minha parte. Portanto, na esperança de fazer-lhe o bem, resolvi esquecer-me de tudo e, a despeito de críticas ou do receio de ser visto como tedioso, decidi dar ao pobre homem um quarto de hora.²

Em seguida, o capítulo mostra que Pearce seria impulsionado ainda mais em seu ímpeto missionário pelo trabalho de William Carey. Em 1794 ele teria chegado a colocar à disposição o seu posto junto à Igreja da Inglaterra para dirigir-se à Índia. Começou a estudar o idioma por conta própria e reservou dias semanais específicos de oração e jejum para rogar a direção de Deus a respeito dessa questão. No entanto, a Associação Missionária decidiu não o enviar, sob o argumento de que ele serviria melhor às missões a partir da Inglaterra. A resposta de Pearce foi a melhor possível. Ele se dedicou ao serviço missionário em sua nação e tornou-se um dos maiores levantadores de recursos para a causa das missões estrangeiras.

Sentimos falta de uma conclusão ao livro, separada desse último capítulo. Com a apresentação de Pearce, o livro termina de modo um tanto abrupto, com a afirmação de ter cumprido o seu objetivo:

...demonstrar que existe uma tradição calvinista de fervor missionário que remonta aos pioneiros do movimento atual de missões, como Carey e Pearce, passando pelos puritanos, chegando até a nascente reformada dos escritos e das obras de João Calvino, deitando por terra o mito de que alguém não pode ser calvinista e missional ao mesmo tempo (p. 132).

Nossa percepção é que isso acontece em parte. Os três capítulos iniciais são, de fato, bastante consistentes e mostram que Calvino não pode ser acusado de antimissionário. Os três capítulos finais contêm boas apresentações do fervor missionário de seus personagens principais, contudo não realizam claramente o apontamento da relação entre esses personagens, seu pensamento e o pensamento de João Calvino. Possivelmente, os autores tenham pressuposto que o leitor tenha conhecimento prévio da natureza calvinista da teologia dos personagens tratados. Isso, no entanto, parece-nos um problema estratégico se o livro visa atingir o grande público, principalmente porque, embora alguns personagens sejam bastante conhecidos, como Jonathan Edward por exemplo, outros, como Samuel Pearce, são quase desconhecidos. Mesmo assim, recomendamos a obra, sobretudo por causa da primeira parte, que demonstra de forma consistente o fervor missionário do reformador de Genebra.

² COX, F. A. *History of the Baptist Missionary Society, from 1792 to 1842*. Apud HAYKIN e ROBINSON, *O legado missional de Calvino*, p. 119.